

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Pinto, Paulo Alexandre Tormenta, 1970-

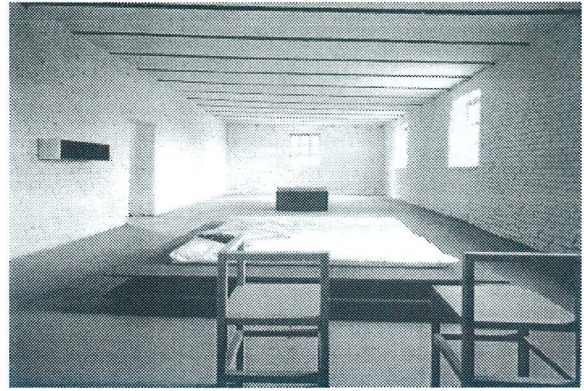
Habitar : o projecto de arquitectura

<http://hdl.handle.net/11067/4942>

Metadados

Data de Publicação	1999
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T21:01:09Z com informação proveniente do Repositório



Hafenstraße Studio, Colónia: cama e cadeiras de Donald Judd

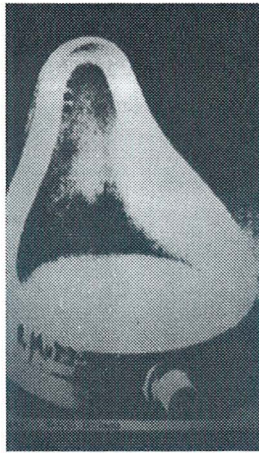
HABITAR – O PROJECTO DE ARQUITECTURA

PAULO TORMENTA PINTO

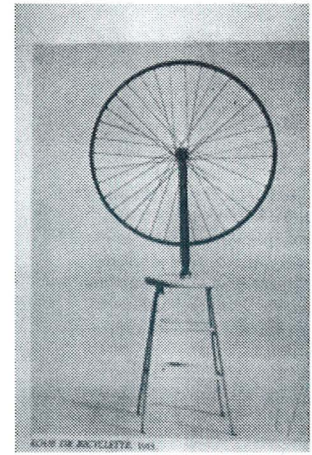
O projecto de arquitectura, pressupõe uma intervenção culturalmente informada num lugar. É uma proposta de habitar. Observar, decompor e recolocar a realidade tem sido o papel do artista ao longo do século XX. Os *ready mades* de Marcel Duchamp, como a “Fonte de Mr. Mutt” ou a “Roda de Bicicleta”, não são mais que um recolocar de objectos em novos locais, desafiando novas percepções. Os collages de Picasso ou ao mobiliário de Donald Judd em tudo contêm um poder afirmativo e de grande sentido de equilíbrio, conquistando o necessário afastamento duma concepção estritamente funcional da vida e da criação.

Em arquitectura constantemente se subverte a funcionalidade. Kandinsky, sobre esta temática deixou transparecer a sua oposição à tendência funcionalista da Bauhaus - «A construção, para além do exterior, corresponde ao interior: fim sagrado (...) Outros fins culturais (...) que exigem, para além do utilitário exterior, o estímulo do espírito. Pergunta: a casa de habitação não deveria ter em conta estas necessidades?»¹. Paralelamente a esta proposta, Kandinsky fala-nos da *grande síntese* referindo conceitos como tensão, equilíbrio ou abstracção - «As leis da tensão máxima (a abordagem dos limites) e o conteúdo definem o “génio” (...) O resultado final é a expressão da calma obtida pelo equilíbrio das tensões»².

Eugénio Trías, em “Lógica do Limite”³, define-nos muito concretamente o papel da arquitectura e da musica na criação de um limite, afirmando-as como as artes do limite, as únicas capazes de criar ambientes. O limite participa do racional e do irracional, do civilizado e do selvagem. É um espaço tenso, conflituoso e de mediação. O limite é aqui pensado como um espaço onde é possível habitar. Habitar significa cultivar um território, algo mais radical que a simples ocupação de um espaço abstracto, que



Marcel Duchamp: "Fonte de Mr. Mutt"



Marcel Duchamp : "Roda de bicicleta"

pressupõe um enigma e uma relação entre um exterior e um interior.

Este enigma de que fala Trías interessa-nos para fazer a definição do sentido do habitar na arquitectura, como uma dimensão de transponibilidade e de enlace.

O lugar da alma está no ponto onde o mundo interior e o mundo exterior se tocam. Onde se penetram – ele está em cada ponto da penetração.

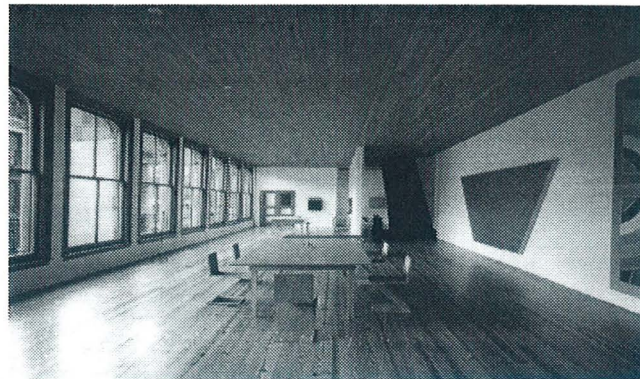
Novalis⁴

A interpretação ambígua relativa à criação de uma identidade que consubstancia uma designação material do mundo em vivemos é a visão de Novalis em "fragmentos", ponderando entre uma demonstração apolínia, de carácter poético / literário / agnóstico e uma outra mais dionisiaca de carácter místico / religioso / ritualista, colocando o homem um lugar quase central da interpretação do real, ou seja "tal como o mundo é uma invenção do homem, a ciência que o estuda é a poesia"⁵

Com um papel intermediário a proposta arquitectónica será simples mas culta, será forte mas controlada, será absorvente mas não pobre, permitindo ao corpo a liberdade necessária na conquista de uma tranquilidade própria.

Só existe *um* templo no mundo, é o corpo humano. Nada é mais sagrado que esta sublime forma. Inclinar-se perante um Homem é prestar homenagem a esta revelação da carne.

Novalis⁶



Donald Judd: Spring Street, New York. Mesa de D.Judd.

Deste modo, a construção da ideia de arquitectura não é mais do que uma proposta num lugar ambíguo e conflituoso que indicia um sentido de apropriação, de posse, catalisador de acontecimentos, mas anónimo na definição de estímulos ou sentimentos.

Agora habitar já não é dentro de uma máquina, que pressuponha uma funcionalidade, nem tão pouco num sistema flácido de memórias, mas sim na descoberta de um enigma dentro de um sistema gerado por um princípio ao qual chamámos *acontecimento*.

NOTAS:

¹ Kandinsky, Wassily, - "Curso da Bauhaus" Edições 70, Lisboa – 1987, Prefácio de Philippe Sers, pag. 18.

² idem, pag 17.

³ Trías, Eugenio - "Lógica del Límite" Ediciones Destino, Barcelona - 1991

⁴ Novalis, "Fragmentos " – Seleção, Tradução e Desenhos de Rui Chafes, Assírio e Alvim, Lisboa, 1992, pag 29.

⁵ Rui Chafes em "Fragmentos de Novalis" – Seleção, tradução e Desenhos de Rui Chafes, Assírio e Alvim, Lisboa, 1992, pag 10.

⁶ Novalis, "Fragmentos " – Seleção, Tradução e Desenhos de Rui Chafes, Assírio e Alvim, Lisboa, 1992, pag 119.